

O mundo de acordo com os cristãos III.

A dificuldade na tentativa de esboçar o mundo dos cristãos reside no absurdo de querer evocar o evidente. Para nós ocidentais o mundo dos cristãos e o mundo tout court são sinónimos, e os pequenos mundos particulares que construímos para morar mais confortavelmente ou mais autenticamente dentro do mundo publico, isto é as nossas filosofias, crenças e convicções particulares, são variantes sobre o tema cristão do mundo. Mas, a despeito do absurdo da minha tentativa, a emprendo com grande entusiasmo. Porque o evidente, quando evocado, deixa de ser evidente, (justamente nisso reside o absurdo), e o mundo dos cristãos, quando esboçado, deixará de ser o mundo tout court, para se tornar um dos múltiplos universos que compõe o caos. A própria expressão "o mundo dos cristãos" já é uma evocação, sinão uma provocação, a própria expressão já cria uma distancia entre nós e a evidencia da fé, já tem um grão de ironia. Tendo em mente, portanto, este aspecto da minha tentativa, ao mesmo tempo reveladora e destruidora, passo a "grasp this sorry scheme of things entire, to shatter it to bits and then remould it nearer to the heart's desire."

Há sómente uma realidade, da qual tudo vem e para a qual tudo corre, e esta realidade é Deus. Deus projetou tudo de si, para reconduzir tudo a si, e o fez para se contemplar a si mesmo. Tudo é, por assim dizer, testemunha e espeelho de Deus. Também nós homens somos tais projetos e projeteis de Deus, também nós o espelhamos, e podemos, portanto, refletir Deus de nosso angulo especial e determinado, do angulo humano. Essa reflexão revela tres, e sómente tres, dos infinitos aspectos de Deus, e todos os demais aspectos são, para nós, eternamente velados. Estes tres aspectos são: Deus o Criador e o Senhor do mundo, Deus, o Salvador do Homem daquele mundo, e Deus dentro do mundo e dentro do nosso proprio intimo. São as tres pessoas, pelas quais conhecemos Deus. A primeira pessoa, Deus-pai, e a terceira pessoa-Deus Espirito Santo, revelam um Deus comum a toda a criação, um Deus por assim dizer independente do homem. Mas a segunda pessoa revela um Deus específico dos homens, um Deus para o homem. A primeira e a terceira pessoa revelam um Deus que é estranho ao espaço e ao tempo, que transcende o espaço e tempo, que abranje e ultrapassa o espaço e tempo, que está fora do espaço e tempo, (ou qualquer outra expressão que tente dizer a indizível relação entre Deus e o mundo.) A primeira e terceira pessoa revelam um Deus totalmente diferente do homem, ganz anders na expressão kierkegaardiana. Mas a segunda pessoa revela um Deus que irrompeu para dentro do espaço e tempo, um Deus que se tornou por um instante um fenomeno, que se tornou historico, e desta forma rasgou a corrente da historia em dois, na historia antes e depois de Cristo. O homem, do seu angulo restrito e determinado, sómente tem tres perspectivas sobre a realidade: a perspectiva para fóra, que revela o mundo e com ele a primeira pessoa de Deus. A perspectiva para dentro, que revela a alma e com ela a terceira pessoa de Deus. E a perspectiva para cima, para além do mundo e da alma, que revela a segundo pessoa de Deus. Existe, quem sabe, também uma quarta perspectiva, a perspectiva para baixo, mas ela revela o nada. Mas essa reflexão do nada, essa visão conciente do diabo, é uma perspectiva errada, e praticamente moderna, é a perspectiva do existencialismo. Não é uma perspectiva sobre a realidade do sentido autentico, e vou despreza-la. No entanto, vou me esforçar de descrever as outras tres perspectivas.

A vista para fóra revela o mundo fenomenal, o mundo das plantas e dos animais, das pedras e das estrelas, da sociedade humana. Esse mundo começou no tempo e acabará no tempo, é uma criação passageira de Deus. É como uma planta que Deus semeou em si mesmo de si mesmo, para colhe-la na plenitude do tempo. Os fenomenos dentro do mundo seguem regras, leis divinas, que são parentes das regras do nosso pensamento, são regras razoaveis. Isto não é sorprendente, pois o nosso pensamento é uma copia imperfeita do pensamento divino. Por esta causa podemos aprender e compreender as leis do mundo e, sob certas condições, aproveitar-nos dessas leis para as nossas finalidades. A possibilidade do conhecimento humano, e a possibilidade da ciencia, são consequencias da correspondencia entre o nosso pensamento e o pensamento divino. A ordem que prevalece em nossos pensamentos é identica com a ordem prevalecente no mundo, pois os dois são copias imperfeitas do pensamento divino. O nosso pensamento se desenvolve em paralelo com o desenvolvimento do mundo, ambos se aproximam gradativamente da maturidade e da colheito, e por esta cuasa a ciencia é, como o conhecimento, um processo evolutivo. Mas seria um perigo e um pecado querer sobre-estimar a

capacidade do conhecimento humano. Esse conhecimento se refere exclusivamente ao mundo e não é realidade mais profunda que se revela através do mundo. O conhecimento nunca poderá penetrar até essa realidade, a única que dá ao mundo um sentido. O conhecimento pode explicar o mundo em termos mundanos, e pode conduzir o homem ao domínio do mundo, mas não pode revelar a verdadeira significação do mundo, a saber a primeira pessoa de Deus. A fé, que é uma capacidade muito mais real de que o conhecimento, revela o mundo fenomenal como um símbolo de Deus pai, e as leis do mundo como símbolos das leis divinas, somente a fé, e nunca o conhecimento, dão ao mundo um significado. Por esta causa nos revela o conhecimento um mundo eticamente neutro, nem bom nem mau, isento de valor e de valores. Se um homem ou a humanidade se dedica exclusivamente ao conhecimento e a tarefa de governar o mundo, perde a noção do valor, perde a noção do sentido, torna-se oco e desesperado, uma preza do diabo. A alma de um homem tal, ou de uma humanidade tal, é preza do mundo fenomenal, para esta o mundo não é símbolo, mas significa somente a si mesmo, Deus não pode ser mais visto, ele sumiu, o espelho da alma se tornou cego. Em outras palavras, o mundo tomado em si e não como símbolo, é o diabo. Mas a fé nos revela que o mundo significa Deus pai, e isto lhe dá valor e dá aos fenômenos mundiais os seus valores. Este valor e estes valores são, do ponto de vista humano, valores pedagógicos, o mundo é uma escola. Do ponto de vista do homem o mundo foi criado por Deus para ensinar o homem o caminho de volta a Deus e para castigá-lo, se arrua nesse caminho. Para o homem que vive no mundo e é iluminado pela fé os fenômenos são bons quando conduzem a sua alma até Deus, e maus quando a afastam, e o mundo como um todo é bom, porque conduz até Deus. A ciência e o conhecimento, quando iluminados pela fé, são bons porque revelam um aspecto do mundo, e portanto conduzem a Deus. Mas quando não iluminados pela fé são maus, porque escondem Deus, afastam a alma do caminho certo, revelam um mundo sem sentido, revelam, em outras palavras, o nada, o Diabo, a outra face de Deus. Logo de início na minha análise se torna visível a posição ambivalente do cristianismo para com a ciência e o conhecimento.

O mundo fenomenal, tomado em si e não como símbolo, é determinado, não conhece a liberdade e não conhece pecado. Tomado simbolicamente é um instrumento para examinar a alma humana e para tentá-la, o mundo conduz ao pecado e conduz a virtude. Tomado não simbolicamente, o mundo é organizado em uma ordem lógica e estética, é razoável e belo. Visto assim, revela o método divino de trabalho, a saber a matemática e a arte divina. Como cada fenômeno se ajusta ao fenômeno próximo e ao todo, como cada coisa serve à outra e ao mundo inteiro, como tudo tem o seu lugar predeterminado e justo, isto é uma ilustração do caráter de Deus, e como tal ilustração pode e deve ser admirado. Mas Deus pai está acima do mundo, Ele vê o começo e o fim, e Ele mantém a ordem no mundo, quando esta for perturbada pela liberdade do homem. Se reconhecemos na ordem do mundo a qualidade divina do Criador, então a qualidade divina do juiz se revela através dessa atividade organizadora e reorganizadora constante. Mas seria um erro pensar que Deus nos julga com o mundo e dentro do mundo. O Seu juízo real das nossas almas ultrapassa o mundo e é muito mais importante do que o mundo inteiro. Os julgamentos divinos dentro do mundo, e os castigos divinos dentro do mundo tem significado subordinado, são medidas pedagógicas e revelam, também os castigos, o amor que Deus tem para com as nossas almas. Porque nós estamos no mundo para aprender sobre Deus e sobre a nossa alma, e os castigos divinos são lições que Deus nos administra nessa matéria. Caiamos no mesmo erro se acreditamos que o mundo é injusto ou mau, ou que tem injustiça e maldade no mundo. Tudo no mundo faz parte do curriculum da alma para Deus, e é portanto justo e bom, porque conduz à maturidade. A nossa revolta contra certos fenômenos, por exemplo certas injustiças que sofremos individualmente, ou certas injustiças sociais e econômicas, é sinal da imaturidade de nossas almas. É um traço fundamental do Cristianismo o conceito do mundo como real somente no sentido algo restrito, no sentido de realidade condicionada a uma realidade ulterior, a realidade divina. Sem essa condição, o mundo abstrahido de Deus, o mundo abstrato da lógica e da estética, são irreais e ilusórios, são um vale de lágrimas, são Babel, são o diabo. Durante a idade média esta verdade cristã estava sempre viva na mente do ocidente, o que explica a fuga da humanidade do mundo para os mosteiros, as catedrais e as hermidas.

Se tornamos a nossa vista para dentro, enxergamos a nossa alma. Ela é, em contraste com o mundo, intemporal e imortal, ela é eterna. Ela foi criada por Deus num sentido radicalmente diferente da criação do mundo. De certa forma ela sempre existia e existirá sempre, se não a perdermos. Ela estava sempre junto com Deus, dentro de Deus, fazia parte dele, e foi expelida por Deus dentro do mundo para voltar enriquecida a Deus e assim enriquecer Deus. Sómente neste sentido a alma foi criada. Mas ela nunca perdeu a sua ligação com Deus, ela faz parte, se bem que em estado impuro, do Espírito Santo. O estado impuro, no qual a alma se encontra temporariamente, pelo tempo de estar incarnado no mundo fenomenal, no corpo humano, é devido a liberdade. A liberdade da alma é uma impureza que faz com que a alma seja individual, faz com que a alma se distingue do Espírito Santo. A liberdade da alma prova, que a alma foi projetada de dentro de Deus para fora, e que nessa projeção se virou em 180º e agora encara Deus de frente. A alma, neste estado livre, é um sujeito, e Deus e seu objeto, seu único objeto. E, do ponto de vista divino, (se me permitem falar assim), a alma é o objeto de Deus. A alma incorporada é afastada de Deus, é independente dele e abandonada a seu livre arbitrio, do qual se pode salvar sómente graças a terceira pessoa de Deus. Mas ela conserva dentro de si o sinal indelevel de sua origem divina, justamente a consciencia de sua liberdade, e a consciencia naquele outro sentido, que em alemão se chama Gewissen. Ela sabe distinguir entre o bem e o mal, ela é sicut Deus. A liberdade consiste na capacidade da alma de escolher entre ambos ou de fazer calar a voz da consciencia, de abafá-la pela logica ou pela estetica, pela ciencia ou pela arte. Isto dá sentido á incarnação da alma. E isto, como já disse, dá sentido ao mundo. O mundo é o campo de ação da alma, dentro do qual a alma faz uso de sua liberdade. Ela pode sacrificar esta liberdade ao bem, ela pode sacrificar-se a Deus, e voltar, depois da morte do corpo, enriquecida pela experiencia da liberdade, a Deus, pode tornar-se santa. Assim ela volta a ser Espírito Santo, mas conserva por assim dizer vestígios da liberdade, ela se torna santa sem se fundir totalmente com o Espírito Santo. Isto é um ponto dentro do Cristianismo que meescapa. Ou ela pode sacrificar a sua liberdade ao mal, ela pode escolher o Diabo, e tornará se parte dele numa forma analoga, creio, da alma santa em Deus. Ou ela pode lutar por conservar a liberdade, e nesse supremo pecado, no orgulho, se rasga e perde. Tudo isto é muito dificil, e creio, não muito consequente, pelo menos para quem, como eu, não está dentro da fé para guiá-lo. A ideia da perda da alma, da destruição da alma imortal, que é uma parte do Espírito Santo, é para mim inconcebível. Talvez alguém entre Vocês explicará melhor essas minhas ideias confusas.

Por Analogia e por simpatia com outras criaturas podemos constatar que não somos a unica alma no mundo, que não somos identicos com Deus. Concluimos que pelo menos todos os outros homens são almas individuais e imortais, são nossos proximos e semblantes. Não fosse a simpatia, não fosse o amor ao proximo, e nos consideraríamos Deus. Essa pluralidade de almas no mundo nos mostra o caminho a seguir, a saber o amor ao outro. O que nos une aos outros homens, e o que nos obriga com os outros homens, o que vence a nossa liberdade por obrigação moral, é a origem comum de todas as almas, e o amor decorrente dessa origem comum: somos todos filhos de Deus. A nossa obrigação dentro do mundo é, se me permitem simplificar, amar os outros para salvar a nós mesmos. Porque o amor ao proximo é, em ultima analise, o amor a Deus. É obrigação amar aos outros, também áqueles que são, por erro, nossos inimigos, e ajuda-los e sair do erro e caminhar conosco na senda que conduz a Deus. Isto explica a tendencia proselitizante do cristianismo, as missions in gentiles, e a luta constante contra as heresias. O cristianismo é intolerante e militante por amor ao proximo, ele queima os hereges porque ama os seus inimigos. Tudo isto cheira profundamente a hipocrisia, que é, creio eu, inevitavel. Se o amor ao proximo é o caminho para a salvação da propria alma, todo altruismo está desde logo marcado por um profundo egoismo e oportunismo. Isto é um aspecto do cristianismo que está sendo mascarado ou esquecido pela teologia.

No proximo reconhece portanto o homem uma alma irmã, uma criatura parente. Mas ele sente, além disto, que em certo sentido o mundo inteiro é animado. Os animais e as plantas, as pedras e as estrelas talvez não tenham almas no sentido

humano desta palavra, eles não são livres, e portanto não conhecem o pecado, mas por intuição o homem sente que são todas essas criaturas cheias do Espírito Santo. Intuitivamente, por simpatia, sentimos que o mundo fenomenal inteiro está informado pelo Espírito Santo, que o mundo fenomenal inteiro pode ser considerado uma encarnação do Espírito Santo. As almas humanas são, deste ponto de vista, somente partes individualizadas, porque livres, do Espírito Santo que pervade a natureza. E os animais e as plantas, por não serem livres, são mais próximas e mais intimamente ligadas ao Espírito Santo de que as nossas próprias almas. Os animais e as plantas são nossos irmãos menores, ainda inarticulados. São estagios do Espírito Santo mais imaturos, e portanto ainda não tentados pelo diabo. O amor que por eles sentimos, e somos obrigados a sentir, tem algo de protetor e uma dose de nostalgia. É o amor pelo paraíso perdido. O homem se sente atraído misticamente para o mundo como encarnação do Espírito Santo, ele reconhece a si próprio, e portanto a Deus, no mundo assim misticamente concebido. A mística cristã é a descoberta do Espírito Santo no fundo do mundo fenomenal, em contraste com a teologia, que descobre Deus pai no fundo da natureza. Isto é uma constante polaridade dentro do cristianismo. Uma corrente de pensamento cristão olha para o mundo de frente e nele descobre Deus pai, a outra olha para o mundo dentro de sua própria alma, descobre na alma o mundo, e no fundo do mundo o Espírito Santo. A tentação da primeira visão é a ciência oca, a tentação da segunda é o panteísmo igualmente oco. O perigo da primeira visão é a perda da fé pelo conhecimento, o perigo da segunda é a perda da fé devido ao sentimento. O caminho do crente é a senda estreita entre o racionalismo e empirismo da direita e o sentimentalismo e irracionalismo da esquerda. A tentação da esquerda é de procurar a salvação, de querer forçar a salvação imediatamente, e não depois da morte do corpo. É a tentação pecaminosa da Índia, a tentação da Yoga. A Yoga é, para o místico cristão, o que a ciência é para o teólogo cristão, a ameaça da morte da alma. Sobre estes dois abismos a direita e a esquerda do caminho do cristianismo terei ainda muito que dizer, é um dilema que é especialmente visível em nossos dias. Basta dizer neste momento que movimentos racionalistas e irracionalistas sempre ameaçavam a fé, e que não creio que o cristianismo se saia ileso dessas ameaças.

Se dirigirmos a visão não para o mundo, nem para a alma, mas diretamente para Deus, então, com a graça de Deus se nos desvenda o Deus de desvenda o Filho, a segunda pessoa. Sentimos o amor que Deus nos tem, e sentimos a luta que Ele trava para conquistar nossa alma e vencer a força de atração do nada, do diabo. Essa força do nada pode ser comparada a gravidade da terra, e a força do Salvador pode ser imaginada como uma atração oposta à gravidade. Essa força misteriosa é chamada, pelos teólogos, a graça. Essa luta netre as duas forças opostas, entre o diabo e Deus Filho tem dois campos: a alma individual, e a humanidade como um todo. Ela tem um aspecto psicológico, um aspecto histórico-político, mas ela é sempre especificamente humana. Deus Filho e o diabo tem significado somente para o homem, e não podem ser descobertos na natureza não humana. Este aspecto humanista é o que distingue radicalmente o cristianismo do judaísmo, Deus Filho é a grande distinção entre as duas concepções do mundo. É verdade que o cristianismo é, em todos os elementos, radicalmente modificado pelo pensamento grego, como devem ter reparado no curso destas palavras, mas a concepção do Deus Filho, este renascimento radicalmente novo do antropos metron panton, torna o cristianismo irreconciliável com as suas origens judias. Vou tratar primeiro do aspecto histórico desta ideia.

Quando Deus criou o homem, Ele o criou livre, isto é com a capacidade de pecar e se perder, ou de não pecar e voltar a Deus. Mas o homem, tentado pelo diabo, por assim dizer cancelou a intenção divina, e escolheu não o bem nem o mal, mas a liberdade. Não quero dizer que Deus não previu este acontecimento básico da história humana, este acontecimento graças ao qual o homem se tornou homem no verdadeiro sentido da palavra, não quero dizê-lo, isto seria absurdo. Mas é um fato que o pecado original, este pecado sui generis do homem quer continuar livre, botou Deus numa situação meio esquerda e incomoda vis-a-vis o homem. Tendo comido do fruto do conhecimento do bem e do mal, o homem se colocou na situação de concorrente de Deus, de rebelde, ele se tornou diabólico, e tudo que fez mesmo um bem, era um mal na economia da salvação, o homem estava perdido. Assim

surgiu a situação absurda e intolerável do homem, da qual falam tanto os existencialistas, dentro da qual o homem estava perdido qualquer que seja a sua escolha. O homem estava, justamente graças a sua liberdade, condenado irrevogavelmente. A história do pecado no paraíso vem da tradição judia, e é ao mesmo tempo trágico e cómico observar como os judeus tratam este acontecimento fundamental de sua própria crença. Recusam-se a tirar as consequências evidentes do seu próprio ensinamento, fecham, que nem a avestruz, os olhos diante deste fato horrível. Isto torna tão convincente o argumento cristão de que o judaísmo é tão somente uma preparação do advento do Cristo, que o judaísmo é perfeito se considerado como primeiro ato da salvação, mas imperfeito se considerado separado dela. Este estado do non peccare non posse, da irrevogável perdição do homem, era insuportável para o amor que Deus Filho, o aspecto de Deus virado para o homem, tem pelo homem. Ele iniciou portanto uma luta contra o diabo pela alma humana, e esta luta é sinonima da história da humanidade. Visto do ponto de vista cristão a história não é outra coisa de que a preparação da encarnação do Deus Filho num corpo humano, e, depois desta encarnação, o crescimento do corpo místico de Cristo, de sua igreja. O dilúvio, a iluminação de Abrão, a escolha do povo judeu como veículo da palavra divina, a revelação no monte Sinai, as palavras dos profetas, tudo isto são preparativos da encarnação de Cristo. E também a história dos gentios conduz a este acontecimento crucial da história da humanidade. Deus era por assim dizer forçado de preparar cuidadosamente o espírito humano para a encarnação, se a liberdade humana devia ser preservada. Se Deus se tivesse incarnado abruptamente, para conduzir a humanidade para fóra do pecado original, se tivesse feito milagres eclatantes e dado sinais indubitáveis a humanidade teria seguido o Cristo não por livre escolha, e sim por necessidade. Assim, Deus mergulhou a sua vinda para o tempo e espaço numa atmosfera de mistério, destruiu todas as evidências racionais de sua existência temporal e apelou, quando homem, não para a razão, mas para a fé e para o amor humano. Reservou, desta forma, a liberdade de escolha. Deixou perfeitamente possível a recusa do sacrifício do Cristo, como atesta a existência dos não cristãos, mas deixou igualmente possível a sua aceitação, como atesta a existência dos diversos cristãos. Porque a encarnação de Deus em copro humano era um sacrifício, Deus se sacrificou para redimir a humanidade do pecado original, de outra forma irredimível. Ele cancelou, com sua morte na carne, o acontecimento no paraíso e possibilitou ao homem um novo start na sua corrida para a vida eterna. Mas possibilitou este novo começo somente áqueles que nele crem, os outros continuam mergulhados nas trevas. E durante o espaço de tempo, no qual Deus era homem, ele mostrou, em palavras e atos, como se deve comportar o homem para alcançar a reunião com Deus.

Tudo isto é muito irracional, e não pode ser concebido a não ser de dentro da tradição dos judeus. O surpreendente é que justamente os judeus não aceitam a encarnação, mas os outros a aceitam. Vejo nisto uma intenção divina com o povo judaico, que não tenho coragem nem de contemplar, muito menos de querer explicar-la. Quando o espírito do homem moderno reflete sobre a encarnação na Palestina há dois mil anos, ou se fecha e se recusa a funcionar, ou se perde no irracionalismo. Talvez seja isto um sinal que se trata de um milagre que não somos ainda capazes de suportar. Dois mil anos são, talvez, um prazo demasiadamente curto para diregir um tal acontecimento.

Interrompo aqui as minhas considerações para não torna-las demasiadamente longas. Reservo a próxima vez para considerar o aspecto psicológico do Deus filho, afinal das contas o tema central do cristianismo.